

UM PRECIOSO PATRIMÔNIO: OS "ÁLBUNS O QUE DIZEM DELE", SOBRE JOSÉ MARIA MOREIRA CAMPOS

Odalice de Castro Silva¹ (UFC)

Resumo:

Esta proposta pretende fazer a divulgação de parte dos documentos constantes dos onze "Álbuns: o que dizem dele", em estágio inicial de pesquisa, os quais reúnem manuscritos, fotografias, contos inéditos em livro e em jornal, cartas, crônicas, comendas, notícias em periódicos locais e de outras localidades, sobre José Maria Moreira Campos (1914 – 1994). Os Álbuns encontram-se sob a guarda do Acervo do Escritor Cearense, na Universidade Federal do Ceará, os quais foram organizados por Maria José Alcides Campos, esposa do escritor cearense, que os datou de 21.01.1955, o início do primeiro "álbum", e de 18.10.1996, o último, isto é, o décimo primeiro, finalizado dois anos depois da morte do contista. Destaca-se nos "álbuns", em relação à sua organização minuciosa, com recortes de jornal, entrevistas, Crítica Literária escrita por Moreira Campos ou por outros escritores, sobre sua obra, o fato de que, ao longo de quarenta e um anos, salvo de 1995 a 1996, de documentos póstumos, o pesquisador lida com uma memória em fragmentos (SELIGMAN – SILVA, 2002, 99). Ele apreende, no ato mesmo de reunir, de colecionar, de organizar os documentos e as imagens de uma vida recortada (GRÉSILLON, 1991, 7), os caminhos e os movimentos de circulação do escritor na sociedade de seu tempo, entre seus pares, na interação com seus leitores, participando da vida acadêmica como professor da UFC, da vida cultural, social e artística de sua cidade, Fortaleza. Esta pesquisa de historiografia literária e cultural concentra-se no que outros disseram de Moreira Campos, com a finalidade de apreendermos os movimentos do criador de ficções, do intelectual, na gênese de sua criação, no dia-a-dia em que as peças foram sendo ajustadas uma a uma nas páginas dos "álbuns", para serem descritas, analisadas e interpretadas dentro do Projeto literário do escritor.

Palavras-chave: acervo, álbum, Biografia literária.

Tempo rotativo ou tempo linear? Vivemos os dois, e não apenas nós. (...) Uma civilização participa igualmente do tempo rotativo por meio das estações, das festas, das cerimônias e dos aniversários, mas esse tempo rotativo acelera o funcionamento do tempo linear, que ela vive igualmente. Não podemos opor um ao outro. (...) o tempo irreversível é capaz de produzir rotações que, de alguma maneira, alimentam e dão vida ao que, de outra forma, se dispersaria no mesmo instante. (...) tudo o que tenta viver, que tenta

¹ **Prof. Dra.** ocastroesilva@gmail.com

Universidade Federal do Ceará (UFC), Departamento de Literatura.

existir, ou seja, tenta lutar contra a morte, vive num tempo rotativo. Nossa tendência, porém tem sido sempre a de esquecer que o tempo é irreversível.

Edgar Morin e Michel Cassé. *Filhos do Céu. Entre vazio, luz e matéria*, 2008, p. 112-113

É muito fundo o poço do passado. Não seria melhor dizermos que é um poço sem fundo? (...) Quanto mais longe nos aventuramos nas sondagens, mais distante nos parece o fundo do poço e, à medida que vamos descobrindo novos pontos de apoio e aparentes metas, mais longe temos de levar a nossa sonda, que se estira e aprofunda cada vez mais, como se tudo quanto encontramos de investigável estivesse preparado para zombar das nossas laboriosas pesquisas, tal como um navegador que segue ao longo da costa e não pode prever o termo da viagem. Após cada descoberta, ele avista inesperadamente, por trás de um promontório, outro promontório, e assim se vê forçado a cobrir novas distâncias. Há, portanto, origens provisórias (...) e a memória, embora certa de que as profundezas não estão suficientemente sondadas, fia-se nessas origens.

Thomas Mann, *José e seus irmãos*, sd., p. 13.

1. O arquivo e o tempo

Observado em sua dupla natureza, feito de peças escritas e de imagens, fotografias, gravuras, ilustrações, reproduções de pinturas, um Arquivo apresenta-se, na percepção de Michel Foucault (1926 – 1984), como “um sistema de discursos que encerra possibilidades enunciativas agrupadas em figuras distintas” (apud Miranda: 2003, p. 27). Para Michel Foucault, um Arquivo é um local de reunião de signos geradores de discursos, com uma sistematização interna e própria, cuja potencialidade comunicativa parte da virtualidade de enunciados e enunciações, portanto, um Arquivo é uma dinâmica de linguagens.

Para Wander Mello Miranda, um “arquivo não é o depósito de enunciados mortos, acumulados de maneira amorfa, como documentos do passado e reduzidos a testemunhos da identidade de uma cultura” (Idem: 2003, p. 36). Tomados como um conjunto, com suficiente força de identidade cultural, todavia, os testemunhos dados/entregues, muitas vezes, em regime de comodato, como é este o caso do qual tratamos, à curadoria do Arquivo, nele interligam-se projeções de um sujeito feito objeto de leitura e de investigação.

No encontro da dupla instância, e como centro do Arquivo, o sujeito disseminado nas e entre as peças passa a ser articulado nos movimentos do tempo espacializado, no lugar em que estão dispostos os objetos sob guarda.

O núcleo da investigação do Arquivo concentra-se nas “possibilidades enunciativas”, ou seja, na reconstrução de nomes dispersos em enunciações dirigidas ao objeto das representações de uma identidade montada com a intenção explícita de que esse sujeito e objeto (duplamente figurado), através das marcas-signos tenha(m) a atenção de quantos forem atraídos por seu nome e por sua obra.

Estas considerações mantêm-se atentas à concentração sujeito/ objeto do Arquivo, como o alvo de interesse e sua aparente incompatibilidade lógica. Justifica-se, no entanto, como proposta de percepção, na instabilidade com que se equilibram as duas perspectivas, quando vistas em sua dupla possibilidade; isto é, enquanto de quem falam os objetos que falam, objetos gerados pela existência de uma assinatura.

As peças do Arquivo também são manuseadas em sentido pelo menos duplo: pela funcionalidade em-si, isto é, portadoras de uma representatividade específica (manuscritos, contos inéditos, fotografias, comendas, objetos pessoais, entre outros) e, ao mesmo tempo, direta e imediatamente ligadas ao conjunto do motivo que organiza aquele mundo de memória representada.

Para Michel Foucault, como confirmação a uma percepção de dupla flexibilidade, um Arquivo

longe de ser o que unifica tudo o que foi dito no grande murmúrio confuso de um discurso, longe de ser o que nos assegura existir no meio do discurso mantido, é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria. (1972: p. 161)

Não resta dúvida ao pesquisador de Arquivologia que as peças em sua singularidade e em prática articular agrupam-se em séries, seções, na condição de fragmentos. Cada peça, bem como o conjunto delas, estão marcados por data e circunstância, pelas quais passam a fazer parte de espaço sob diferentes temporalidades. Existe, na divisão das falas e vozes que partilham o curso (discurso), uma percepção de quem teve a iniciativa de ordenar a trajetória de representações que significam diferentes funções para o sujeito em-arquivo.

O Arquivo desenha linhas-bordas entre os tempos do passado e o presente do organizador com o presente do pesquisador, estabelecendo, para sua existência, o princípio da alteridade de quem, de dentro do tempo, do ponto em que alguém se posta e se movimenta para ver/ouvir as peças alinhadas e em reordenamento.

Não encontraria, o pesquisador, na imagem do Arquivo como um conjunto de vozes em discurso, dividido na percepção do tempo em Cronos, e do tempo em rotação, na visão de sua irreversibilidade e nos recuos e aproximações, nos deslocamentos de datas, no manuseio das peças, os caminhos oferecidos pelos interstícios dos diferentes signos, esboços epifânicos, novos significados, novas feições para o que presidiu o momento em que o Colecionador as dispôs no instante que foi o seu presente, agora enriquecido de outros sentidos?

A verdade irreversível do tempo é remanipulada, o movimento rotativo altera (por força do sujeito que se esgueira entre a compressão das peças) a linearidade ordeira dos elementos do Arquivo.

Nas rotações do tempo estão os sinais inscritos na passagem das estações, marcados por diferentes texturas, como contos, poemas, convites, bilhetes, cartas de agradecimentos, etc., estão as festas, registradas por fotografias e “instantâneos”, gestos surpreendidos por alguém com uma máquina fotográfica, “flashes” de almoços, jantares, com convidados ilustres, às vezes estrangeiros; estão nas cerimônias, nos momentos solenes, nas entregas de medalhas, prêmios, diplomas, comendas; estão nos aniversários, passagem e recomeço da vida, nas imagens de

diferentes emoções e afetos, nas expressões de alegria e espanto, na inelutável consciência de que o tempo vai fincando as superfícies, fincando os seus sinais.

A verdade da irreversibilidade do tempo percorre o Arquivo, e encontra resistência na energia da circunstância que cercou os momentos de vida ali reunidos – a existência e a luta contra a morte. O esquecimento, iniludível, tem como parceiro a memória.

Esquecimento e memória travam com o Tempo, em sentido linear e em rotação, uma disputa, para assegurar a própria coerência do Arquivo, ao afirmar uma consciência que confirma a inexorável verdade natural de todas as coisas e seres sujeitos a sua ação e à intercessão dos que, em fragmentos, tentam ver/ouvir as vozes e sinais que insistem em dizer que estão ali, ao seu alcance, ao alcance do pesquisador, a alteridade, sempre mutável, do colecionador.

Os “Álbuns – o que dizem dele”, que se encontram no Acervo do Escritor cearense, foram gestos de dedicação, fidelidade e persistência da parte de dona Zezé, Maria José Alcides Campos, esposa do escritor Moreira Campos. A montagem dos Álbuns aconteceu dia-após-dia, no duplo movimento do tempo: linear e rotativo, em dimensões do cotidiano, entre dias, meses e anos, tempo que recuava para a distância do quando-onde as lembranças se embaralham e tempo que se cumpria no hoje de cada instante, em que as peças eram apostas às folhas, Álbum por Álbum, na duração de quarenta e quatro anos, ou seja, de 1955 a 1999, quando, de 1995 a 1999, tudo se registrava já em memória do escritor.

A segunda etapa destas primeiras considerações sobre os “Álbuns – o que dizem dele” será dedicada à descrição das peças contidas nos volumes 1º e 2º, datados, respectivamente de 1º de janeiro de 1955 a 31 de dezembro de 1967 e 02 de janeiro de 1977 a 24 de dezembro de 1980, respeitando-se a ordem de aposição das peças sobre as folhas encadernadas em volumes numerados de 01 a 11.

Diferentemente de Paul Cézanne (1839 – 1906), a respeito de quem o filósofo M. Merleau-Ponty (1908 – 1961) afirmou em ensaio de 1945, “A dúvida de Cézanne”, que “A pintura foi o seu mundo e sua maneira de existir”, e que não tivera alunos ao seu redor, nem mesmo em Aix-en-Provence, e que viveu “sem admiração por parte da família, sem estímulo por parte da crítica” (2013: p. 125), viveu Moreira Campos (1914 – 1994).

Ao examinarmos as peças dos “Álbuns – o que dizem dele”, constatamos que a Literatura “foi seu mundo e sua maneira de existir”, viveu os anos dedicados ao ensino de Língua e Literatura Portuguesa, cercado de alunos, amado e querido por todos, familiares ou não, desde que o tenham conhecido e dele se aproximado.

2. Inventário provisório das peças do 1º Álbum

Os “Álbuns – o que dizem dele”, sobre a vida intelectual e literária do escritor José Maria Moreira Campos estão depositados, em número de 11, no Acervo do Escritor cearense, instalado no 2º piso da Biblioteca de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, no campus do Benfica, e encontram-se no estágio inicial de organização arquivística.

Cada Álbum contém em média cento e cinquenta páginas, compostas por fotografias, cartas, manuscritos, reproduções de contos, artigos, entrevistas, publicados em jornais e suplementos culturais, tanto no Ceará, quanto em outros estados do país, como “Unitário”, “Tribuna do Ceará”, “Correio do Ceará”, “Estado

de S. Paulo”, “Folha de S. Paulo”, entre outros. Registram-se, também, documentos relativos às atividades profissionais exercidas por Moreira Campos.

Álbum 1º	21/01/1955 a 31/03/1967
Álbum 2º	02/01/1977 a 24/12/1980
Álbum 3º	01/01/1988 a 31/12/1989
Álbum 4º	07/01/1970 a 30/12/1976
Álbum 5º	06/01/1985 a 31/12/1987
Álbum 6º	06/01/1981 a 29/12/1984
Álbum 7º	07/01/1990 a 12/01/1992
Álbum 8º	08/01/1992 a 02/12/1993
Álbum 9º	30/12/1994 a 04/01/1994
Álbum 10º	16/04/1995 a 18/10/1996

O Álbum 11º está designado com a indicação “o que dizem a ele” e compreende o período de 11/01/1997 a 30/12/1999.

O exame inicial do 1º Álbum, de 21/01/1955 a 31/03/1967 apresentou como primeiros resultados, os itens referidos abaixo, observando-se as peças apostas às páginas numeradas de 01 a 160, compreendendo também textos inéditos em livro:

1. Contos – 12
2. Crônicas – 18
3. Crítica literária por Moreira Campos – 20
4. Crítica literária sobre as obras de Moreira Campos – 34
5. Carta de Moreira Campos a Mário Palmério – 1
6. Entrevistas com Moreira Campos – 15
7. Poesia de Moreira Campos – 4
8. Poesia para Moreira Campos – 1
9. Textos esparsos – 14
10. Fotografias com Moreira Campos – 32
11. Notas sobre acontecimentos literários, sociais, solenidades – 72
12. Desenhos – 5
13. Documentos originais, manuscritos originais e datilografados, cartas e bilhetes – 10

O levantamento quantitativo das peças, a uma primeira verificação, articula-se às atividades desenvolvidas por Moreira Campos como escritor, contista, cronista, crítico literário, colaborador em diversos jornais, manifestando-se acerca dos acontecimentos nacionais e internacionais de seu momento histórico, compreendendo

pronunciamento sobre assuntos do dia-a-dia e sobre polêmicas e discussões que envolveram situações de conflito e injustiça, luta pela liberdade de expressão e pelos direitos do homem.

Foi professor em vários níveis, destacando-se por suas muitas atividades desenvolvidas, a partir de sua vida acadêmica, na Universidade Federal do Ceará.

Nos inícios da década de 1940, após estabelecer-se em Fortaleza, Moreira Campos, juntamente com outros jovens escritores, poetas e jornalistas, fundaram o Grupo Clã – Clube de Literatura e Arte – movimento importante para uma renovação das tendências artísticas no Ceará, iniciativa que originou a Revista Clã, com 29 números (de dezembro de 1946 a dezembro de 1988).

Ao fim da década de criação do Grupo Clã, das Edições Clã e da Revista Clã, 1940, Moreira Campos dá início à sua trajetória literária, com o conto, o gênero que o consagraria como um entre os grandes contistas do século XX, e não apenas em Língua Portuguesa, mas também entre os de maior representatividade na contística ocidental.

Em 1949, Moreira Campos publica uma coletânea de doze narrativas curtas, *Vidas Marginais*. Após sua consagração com *Portas Fechadas* (1957, Prêmio Artur Azevedo, INL), *As vozes do morto* (1963), *O puxador de terço* (1969), *Os doze parafusos* (1978), *A grande mosca no copo de leite* (1985), *Dizem que os cães veem coisas* (1987), *Contos escolhidos* (1971) e de ter seus contos em diversas obras coletivas, no Brasil e em outros países, Moreira Campos foi comparado – na arte da narrativa curta – a Machado de Assis, Tchekhov, Maupassant. Acrescente-se aos livros de contos, as poesias reunidas em *Momentos* (1976), bem como as crônicas da coluna *Porta de Academia* (1989), publicadas em jornal, O Povo, agora reunidas em um único volume, com publicação prevista para antes do final deste ano.

Por ocasião do lançamento de seu segundo livro de contos, *Portas Fechadas* (1957), a coletânea é apresentada por João Clímaco Bezerra, e o jornal “Gazeta de Notícias”, em 1º de junho de 1958, registra duas notas sobre o novo livro, as quais trazem fotografia com o autor, na Livraria Renascença, em Fortaleza, livraria conhecida como ponto de reunião de escritores e intelectuais da cidade.

A respeito de pronunciamento do autor sobre contos de sua preferência, aparecidos no primeiro livro, *Vidas Marginais* (1949), Moreira Campos destaca “Lama e Folhas” e “Vigília”, transcrevemos como uma mostra de uma das peças do “Álbum” de número 1, excerto de uma conversa com o escritor:

-os dois contos de minha preferência, ‘Lama e Folhas’ e ‘Vigília’, o primeiro (o afogamento de uma criança) foi inspirado em tema quase verdadeiro, ocorrido com um filho meu. No entanto, o conto só se realizaria muito tempo depois. Escrevi-o de um jato, sem maiores correções, enquanto que outros demandam tempo, alterações e mudanças.

- “Antes de escrever tenho a estrutura geral de meus trabalhos. Mas muitas vezes há surpresas, que resultam em trechos ou páginas que não participam do plano anterior. Daí pergunta-se, e com justiça, se o autor comanda os personagens e situações, ou se é dirigido por elas.”

- “Como entende o ofício de escritor?”

- “Como atividade das mais sérias e responsáveis. Ele tem um compromisso fundamental com a sua arte e com o seu momento.

Esse momento, entretanto, ideológico ou politicamente, não deverá ser de molde a prejudicar ou deformar o seu legítimo comportamento artístico. De outra parte, já não cabe o diletantismo da chamada arte pela arte em que vivemos quando o destino do homem, por muitos motivos, se torna uma incógnita das mais inquietantes. Entendo, entretanto, que essa arte pela arte, na sua boa compreensão, é requisito imprescindível. O escritor (tomado aqui na acepção de ficcionistas) tem que participar ativamente e, pelo menos, retratar, sem outros compromissos, os males desse instante. Cabe aí sempre isolar o homem do sistema. Aquele será visto humanamente, e, fora disso, como peça da grande máquina em que se entrosa, Tolstoi, em ‘Guerra e Paz’, deu-nos o exemplo eterno nesse sentimento humano, dentro de uma ordem evidentemente falha e já em decadência.

Mas – diga-se de logo – não acredito numa solução ideal para a angústia do homem.

Na primeira parte de sua fala, Moreira Campos comenta sobre aspectos da relação entre âmbitos do real, ficção e imaginação, sobre a consciência de que existe, em estado de pré-consciência, uma estrutura para o tipo de composição em processo de elaboração na mente do escritor, para desenvolver os temas de sua preferência.

Na segunda parte de sua fala, constatamos um interessante e curioso alinhamento entre as ideias que Moreira Campos defende em relação às funções do escritor (do intelectual, do poeta, do pensador) em relação ao seu lugar e ao seu momento histórico e aquelas que encontramos em livros da mesma época, como *O que é Literatura* (1947), de Jean-Paul Sartre, *O Grau zero da Escritura* (1953), de Roland Barthes, bem como igualmente em consonância com o pensamento crítico predominante, na Europa Ocidental, depois das duas Guerras, a respeito do compromisso de quem escreve com o objetivo, sobretudo, de desalienar os que poderiam ser alcançados pelos meios de comunicação àquela época, como o jornal, o rádio, as agremiações, a Universidade, as sociedades de discussão política.

Manifestando-se de dentro das grandes ideologias de seu tempo, Moreira Campos enfatiza a mesma “responsabilidade da forma”, defendida pelas leituras de orientação estilístico-linguística, como capaz de desautomatizar as linguagens dentro da grande dinâmica dos discursos, espaço em que se movimenta o escritor. O ceticismo do escritor para as soluções mecânicas e definitivas, portanto utópicas, não o cega para os direitos do homem à esperança.

O Álbum de número 1 reúne 238 peças, de entre as quais retiramos o curto fragmento acima destacado para a consideração de aspectos ligados à funcionalidade do ofício do escritor na sociedade de seu tempo e, ao mesmo tempo, peculiaridades da arte de construir ficções, como uma oportunidade de ouvirmos a ética e rápida reflexão de sua poética, diante da riqueza do que poderão os pesquisadores da trajetória intelectual e artística de Moreira Campos encontrar no estado de fontes primárias fidedignas.

3. A memória e o poço fundo do passado **Considerações inconclusivas**

A segunda epígrafe escolhida para estas primeiras considerações a respeito dos “Álbuns – o que dizem dele” e, exclusivamente alusivas ao primeiro da coleção de onze volumes, está posicionada no centro das imagens do texto a quatro mãos, de Edgar Morin e Michel Cassé, *Filhos do Céu – Entre vazio, luz e matéria* (2008), da linearidade (convenção para ordenamento psíquico e psicológico para a mudança/passagem do tempo) e da rotatividade do Tempo.

Além das imagens que constituem este “arquivo pessoal”, os Álbuns são “uma garantia de transparência, um passaporte de sinceridade e uma prova de ajustamento” (Artières: 1998, p. 14), uma vez que a memória, em duplo movimento, é o álibi necessário a quem organiza, através de minuciosa seleção (de fotografias, de documentos, de correspondências, etc.), e que também cuida de evitar os indesejáveis, pois estes não figuram entre os que são vistos no costume de abrir os Álbuns de família às visitas, aos convidados a ver, gesto em que não está ausente uma expectativa de que os outros admirem aquela vida arquivada entre as folhas.

As raízes do arquivamento mostram-se na transparência de cada peça exposta, como se fosse mostrada uma vida sem segredos, reforçam-se as atividades e funções empreendidas e desempenhadas pelo sujeito/ objeto do arquivo, promove-se uma “notável” “subjativação” (Artières: 1998, p. 32), avulta uma identidade híbrida resistente a interpretações simplistas. Entre as imagens do Álbum constrói-se, igualmente “um dispositivo de resistência”.

O Álbum, como prática de arquivamento de momentos e circunstâncias do sujeito em causa, enquanto mantém, na superfície de cada página, a lembrança, que parece viva, como se cada momento também estivesse ali, em-substância constante, fora do alcance da ação irredutível do tempo, no mesmo ato recua e afasta, para cada vez mais longe, para a distância (lugar temporalizado) do passado, na figuração do poço dentro do qual José, na narrativa reescrita por Thomas Mann, em palimpsesto bíblico, esteve preso, verticalizado, desceu ao fundo do poço, de dentro do qual voltou ao amor de seus pais, pesou e pensou a solidão e o abandono dos irmãos, para ser vendido, como peça de um jogo do destino, dividido entre antes e depois do poço.

Na continuação desta Pesquisa, à medida em que cada Álbum for aberto e cada peça for exposta e a análise e interpretação das imagens e textos derem o segundo e o terceiro passos além da descrição, certamente que os possíveis reordenamentos proporcionarão descobertas e revelações para o que sussurra nos espaços em branco.

A trajetória do escritor Moreira Campos, muito de sua vida pessoal e de suas atividades de intelectual e de homem público, ganharão outros realinhamentos, revelando outras faces do que se esgueira e se resguarda, na intenção de apresentar uma vida (*bios*) feita de (representada por) imagens e palavras.

Referências bibliográficas

- 1] Artières, Philippe. “Arquivar a própria vida”. In: Arquivos Pessoais. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol II, nº 21, 1998.
- 2] Campos, Moreira. *Obra Completa*. 2 vols. (Org.) Natércia Campos. São Paulo: Maltese, 1996.

- 3] Foucault, Michel. *A arquivologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- 4] Mann, Thomas. *José e seus irmãos*. Editora Livros do Brasil. Lisboa:sd.
- 5] Merleau-Ponty, Maurice. *O olho e o Espírito*. Trad. Paulo Neves e Ermantina Galvão. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- 6] Miranda, Wander Mello e Souza, Maria Eneida de. *Arquivos Literários*. (Org.) São Paulo: Ateliê Ed., 2003.
- 7] Morin, Edgar e Cassé, Michel. *Filhos do Céu. Entre vazio, luz e matéria*. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.